

**Prefeitura da cidade de São Paulo – Secretária Municipal de Educação –**  
**EMEF Prof. Paulo Freire**

“A Luta Pelo Espaço Público: Qual escola queremos?”

Projeto de trabalho  
apresentado para participação na  
“Escola de Projetos da XIII Semana da Geografia da USP”

Professor Responsável: Wladimir Jansen Ferreira

EMEF Prof. Paulo Freire  
Rua: Melchior Giola, 296,  
Bairro de Paraisópolis  
CEP: 05664-000  
São Paulo – SP

## **Introdução**

Antes de discutirmos sobre o espaço público, é importante que reflitamos sobre a função social da escola e a utilização do conhecimento para a reprodução de hegemonias e disparidades sociais.

O conhecimento (e o seu uso) deve ser compreendido como ferramenta de dominação social, tendo a escola um importante papel. A instituição Escola está estritamente integrada à ideia de sociedade. Está relacionada à manutenção e reprodução das relações sociais, ajudando na construção dos saberes da sociedade.

A escola trabalha com a relação do simbólico, ou seja, trabalha com o imaginário dos estudantes e pessoas. Os saberes da sociedade são representações da sociedade sobre si mesma. Todas as sociedades têm relações de noções espaciais, relações com o mundo, percepções do mundo em linguagens. Os lugares determinam relações sociais e as relações sociais são a materialização do lugar (se materializam no lugar).

A escola legitima uma situação pré-existente, onde o lugar de cada um na escala social é determinado pelos resultados escolares. A escola reproduz a divisão da sociedade em categorias sociais distintas, reflete, portanto, a luta de classes nas sociedades. Neste sentido, todas as instituições da sociedade existem para manter a sociedade vigente e a escola existe para este fim.

Para se reverter esta situação pré-concebida, é necessário que o educador modifique métodos e recursos didáticos ou a forma do encaminhamento do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, esta mudança não adiantará de nada se a escola e a estrutura do ensino não forem questionadas, além da necessidade de uma tomada de consciência por parte do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

A escola tem como função política e social, a manutenção das relações sociais. Fazer com que as novas gerações incorporem pensamentos, regras e valores culturais da sociedade e de seu modo de produção. Esta transmissão cultural de valores ideológicos será diferente de acordo com a classe social, ou seja, a escola impõe um tipo de cultura em detrimento das outras. A escola subsume normas que “disciplinam” o aluno, não levando em conta as diferenças culturais, a criatividade dos alunos e nem a sua participação autônoma.

É necessário se modificar métodos e recursos didáticos ou a forma do encaminhamento do processo de ensino-aprendizagem, além de se democratizar a gestão escolar para a participação dos diferentes atores da comunidade escolar (sejam com os professores, comunidade local, pais e responsáveis, alunos, direção e demais funcionários). Entretanto, esta mudança não adiantará de nada se a escola e a estrutura do ensino não forem questionadas, além da necessidade de uma tomada de consciência por parte do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

A escola que queremos é uma que seja pública, democrática, autônoma, intervencionista na realidade, que estimule o protagonismo juvenil com vias à transformação da sociedade em uma real emancipação social.

## **Interdisciplinaridade**

O método de ensino interdisciplinar luta para romper a barreira dos preceitos educacionais positivistas, pois propõe discussões que levem os alunos a estabelecer relações entre o que estão pesquisando nas diversas disciplinas em relação a um tema em questão. No trabalho interdisciplinar, uma área enriquece o conhecimento sobre outra e o resultado é a construção de um saber mais complexo e menos fragmentado.

A metodologia interdisciplinar parte de liberdade científica, alicerça-se no diálogo e na colaboração, funda-se no desejo de inovar, de criar, de ir além e suscita-se na arte de pesquisar. Nesse sentido, a ação pedagógica da interdisciplinaridade aponta para a construção de uma escola participativa, que deriva da formação do sujeito social.

Para que a interdisciplinaridade se realize de maneira satisfatória, é necessário que haja muito planejamento entre os professores, que estes saibam sobre a funcionalidade de sua disciplina, além da função social da escola e do conhecimento.

A geografia busca o rompimento com uma educação por migalhas. Que incitar o olhar dos alunos para várias direções. É importantíssimo que o professor de Geografia mantenha e estimule um intercâmbio de ideias com professores de outras disciplinas com o intuito de desenvolver trabalhos conjuntos. O professor de Geografia, justamente por lidar com uma disciplina fundamentalmente interdisciplinar, pode desempenhar um papel “catalisador” das contribuições provenientes das diversas áreas do conhecimento.

## **Objetivo**

O propósito deste projeto é compreender o significado de espaço público, de escola e de conhecimento. Conhecimento é poder e este deve ser apropriado criticamente para a real emancipação social.

Realizar projetos interdisciplinares que provoquem a comunidade escolar a pensar coletivamente, valorizando a solidariedade, o protagonismo, a identidade (relacionando-a com cultura e ancestralidade). Elencamos as três principais ideias:

- Investigar e compreender a “História das Lutas Populares” e relacionar conquistas de movimentos sociais com a melhoria na vida da comunidade e as possibilidades de continuidades das lutas para mais conquistas.
- “Grêmios Livres Estudantis” é fundamental para garantir o PPP da escola, que prevê a participação ativa do aluno na construção de uma escola democrática.
- As “Histórias de Assombração” operam no imaginário do mistério da ancestralidade e de como as sociedades lidam com a morte. Utilizará o recurso da história de assombração para investigação de gênero literário, cultura oral e cultura material/imaterial.

### **Justificativa**

É essencial que se rompa com políticas tecnicistas e com uma escola excludente. Demerval Saviani (2003) a chamou de “pedagogia tecnicista”, Luís Carlos de Freitas (1992 e 1995) a chamou de “neotecnicismo” e Paulo Freire (1970) a chamou de “educação bancária”.

Para que tenhamos uma “gestão democrática” de fato nas escolas, necessariamente isto passará pelo processo de democratização da sociedade, por uma melhoria da qualidade da educação e pelo fortalecimento das instituições escolares (tais como o Conselho Escolar e o Grêmios Livres Estudantis).

O esvaziamento político e participativo é a reprodução de uma tradição patrimonialista e autoritária do Estado que não acabará do dia para noite com concessões e ilusões participativas. A superação das contradições elitistas nas escolas, além do esvaziamento político-participativo e a democratização de fato da escola serão atingidas com a superação do modelo de escola vigente e a extinção da sociedade de classes excludente.

O respeito às diferenças dos indivíduos na sociedade, propiciando o respeito à alteridade e o pluralismo, são essenciais para a superação de posturas preconceituosas, que desconsideram as opiniões e a individualidade dos seres.

Para a democratização da escola não é diferente. É necessário que haja a participação democrática dos diferentes atores da comunidade escolar no cotidiano da escola. Esta participação se daria, principalmente na composição do Conselho Escolar, assim como, na elaboração do PPP da escola e na participação em Reuniões Pedagógicas, Conselhos Participativos, Planejamentos, Atividades Lúdicas abertas à Comunidade, Projetos Escolares, Grêmios Livres Escolares, etc.

A democracia escolar é necessária para a superação das contradições presentes na escola e isso colabora imensamente para o aumento da identidade escolar da comunidade escolar, contribuindo, também, para o aumento da aprendizagem significativa dos alunos e da comunidade escolar.

Os diferentes segmentos da escola devem sentir uma identidade positiva em relação à escola, ou seja, se sentir participante dos processos educativos da escola. Se não houver a participação da comunidade escolar, a qualidade da educação, a construção de uma escola democrática e a construção de um ensino emancipador socialmente estará comprometida. A educação e a escola não são algo exclusivo de alguns, mas deve ser assumido coletivamente e conscientemente por todos da comunidade escolar.

Sem consciência não há participação, sem participação não há democracia e sem democracia não há Conselho Escolar, Escola ou educação compromissada com a qualidade social da educação (com vistas à emancipação social).

Uma educação com vista à “emancipação social de todos os indivíduos constituintes da escola” não pode ser compreendida como “instrumento de reprodução alienada de uma sociedade com vistas à reprodução das desigualdades de classes sociais e da lógica mercadológica”. É necessário que se rompa definitivamente com o padrão elitista e excludente na educação, pois esta serve para a reprodução da desigual sociedade capitalista.

### **Metodologia**

Trabalho com roda de conversa para introduzir o tema; pesquisa histórica, debates; passeios relacionados ao tema durante o ano; a música, filmes e documentários; entrevistas com moradores do bairro, conversas com ativistas e moradores do bairro de Paraisópolis; produção de material (textos, painéis, cartazes e desenhos) para a apresentação.

Pesquisas sobre a história das lutas populares, do grêmio livre estudantil e da necessidade do protagonismo juvenil. Construção de painéis, mapas, vídeos e textos dos alunos sobre o assunto.

Através da investigação de “Histórias de Assombração” do bairro de Paraisópolis, das histórias de oralidade dos alunos e moradores do bairro, além de histórias de terror célebres da cidade de São Paulo (tais como: do prédio Joelma, do Castelinho da Rua Apa, do edifício Martinelli, da Capela dos Afritos, etc), desenvolveremos mapas, trabalhos de campo, passaremos vídeos, realizaremos debates, trabalhos em equipe com levantamento de dados, leitura de textos (contos e artigos de jornais) e uma encenação teatral. Desenvolveremos uma dramaturgia com o objetivo de promover uma ocupação do espaço escolar com elementos cênicos com encenações das histórias pesquisadas. Nesse processo de pesquisa, também pretendemos conectar essas histórias à noção de ancestralidade, incentivando a comunidade escolar a compreender o lugar destas mortes e sua função cultural.

### **Avaliação**

Deve ser contínua e mediadora, ocorrendo durante todo o processo, trabalhando com escalas diferenciadas, mas não hierarquizadas, partindo do lugar, avaliar se os alunos desenvolveram atitudes de reconhecimento e cooperação.

### **Bibliografia**

- CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2010.
- DUARTE, Newton. As Pedagogias do “Aprender a Aprender” e Algumas Ilusões da Assim Chamada Sociedade do Conhecimento. In: Revista Brasileira de Educação Set/Out/Nov/Dez 2001 Nº 18, Rio de Janeiro: Editora Autores Associados Ltda, 2001.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREITAS, L.C. Conseguiremos escapar ao neotecnicismo? In: SOARES, M.B.; KRAMER, S.; LUDKE, M. Escola básica (Anais da 6. CBE). Campinas: Papirus, 1992.
- \_\_\_\_\_. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas: Papirus, 1995.
- GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. Retirado do site <http://firgoa.usc.es/drupal/node/3036>. S/D (acessado em 24/02/2012).
- HARPER, Babette; CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Cuidado, Escola! (desigualdade, domesticação e algumas saídas), São Paulo: Brasiliense, 1980.
- HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito a cidade a revolução urbana. São Paulo, Martins Fontes, 2014.
- \_\_\_\_\_; MARICATO, Ermínia. Et. al. Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.
- HENRY, G. e SIMON, Roger. “Cultura popular e pedagogia crítica: A vida cotidiana como base para o conhecimento curricular”. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. Currículo, Cultura e Sociedade. 10º ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- KAZTMAN, Ruben; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. A cidade contra a escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.
- LEAL, Antônio. Fala Maria Favela – uma experiência criativa em alfabetização. São Paulo: Ática, 1993.
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2010.
- MARX, Karl & ENGELS, F.. Manifesto do Partido Comunista, São Paulo: Global Editora, 2000.
- SANTOS, Douglas. O significado de escola: apontamentos a partir das experiências vividas pelo projeto de “Reordenamento da Secretaria de Educação do Estado do Amapá” (1999-2001). São Paulo: PUC-SP e Governo do Estado do Amapá, 2008.
- SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SEABRA, Odette. “A Insurreição do uso”, in MARTINS, José de Souza (org) Henri Lefebvre e o retorno a dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SERPA, Ângelo. Espaço público e acessibilidade : notas para uma abordagem GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 15, pp. 21 - 37, 2004 disponível em: <http://www.geografia.ffch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp15/Artigo2.pdf> Sites-  
<http://discutindo-a-des-organizacao.webnode.com/>